

EÇA DE QUEIROZ

QUESTÃO DE NATURALIDADE

Alguns dias antes de ser inaugurada e accete, pela Camara Municipal da Povoia de Varzim, a lapide de bronze destinada a memorar o nascimento de Eça de Queiroz n'um predio desta localidade, viu-se, com alvoroço e surpresa, a villa vizinha contestar o asserto da homenagem projectada. Em projecto, todavia, estava, de ha muito, a consagração iniciada por alguns conterraneos residentes no Brazil; em projecto se exhibira ha mais de anno, em jornaes, o monumento concebido e modelado pelos irmãos Teixeira Lopes; em projecto ainda ficára anteriormente uma iniciativa municipal que um periodico local annunciara dos ausentes prejudicados. E não obstante, só duas semanas antes da solemnidade é que surge uma reivindicação que nem factos precisos, nem a tradição oral e escrita fundamentavam.

Fóra o caso que, tendo sido consultado o prior de Villa do Conde por um funcionario tecnico da Camara Municipal da Povoia acerca d'um pormenor da data do nascimento, ao alludido abbade da freguezia se deparára, como facto novo, o registro de baptismo do auctor do *Crime do padre Amaro*. Para logo se expandiu, com ligeireza facil, a presunção descoberta. E concluiu-se, porque d'outra sorte achavam o caso, a um tempo, inaudito e inedito, que onde se baptisára o escriptorahi nascéra!

A phantasia novellesca e o desprimor do glossario utilizados na defeza da nova causa immediatamente inibiram a Comissão organisadora da solemnidade de entrar, por decóro, em debate. Mas conseguiu-se desentortar o publico, e sobretudo aquella grande multidão sempre presta a admitir, com pouco escrupulo e nenhum exame, todas as fabulas emolduradas em peritancias de linguagem. Ora foi para ella que se assentou em reunir, n'um só bloco, toda a prova de origem varia que legitima a consagração levada a effeito pela Povoia de Varzim.

Independentemente da assignatura particular de foute certa, a Camara Municipal da Povoia auctorisava-se a consagrar officialmente a festa com as informações dos biographos, desde os mais remotos, como o da *Renascença* nos seus fasciculos 5 a 7 (pag. 93 e segs., Porto, 1878), até aos mais modernos, como os do segundo tomo do *Brazil-Portugal* (nota 1 da pag. 245, Lisboa, 1900-1901) e os dos XXIII e XXVI do *Occidente* (facs. 780 e 896, Lisboa, 1900 e 1903). De conformidade com os dados exhibidos em revistas e periodicos lidos por toda a gente, vinham os dos publicistas, d'entre os quaes cumpriria destacar o sr. José Pereira de Sampaio (Bruno) a pag. 156 de *A geração nova* (Magalhães & Moniz eds., Porto, s. d. [1886]) e o sr. Theophilus Braga a pag. 307 do segundo tomo de *As modernas ideias na litteratura portugueza* (Lugan & Genelioux eds., Porto, 1892). E sobre elles avulta, pelo tradicional desvelo com que tem sido elaborada uma obra, aliás inçada de precalços, o informe que o sr. Brito Aranha exarará a pag. 94 do sexto volume do *Supplemento ao Dicionario bibliographico portuguez de Innocencio Francisco da Silva* (XIII, Imp. Nac., Lisboa, 1885).

Em todos e á uma a Povoia de Varzim é a terra da naturalidade de Eça de Queiroz.

Estava pois justificada a adhesão official, uma vez que as divergencias de informação conhecidas procediam apenas do artigo do sr. Brian' Gaubast inserto no numero 247 da *Revue encyclopedique* (Paris, 1898) e reeditado mais tarde em *Le Portugal* da mesma livraria Larousse (Paris, s. d. [1900]) e do livro do sr. Philéas Lebesgue, *Le Portugal litteraire d'aujourd'hui* a pag. 68 (Paris, 1904). Os dois publicistas estrangeiros attribuem a Aveiro o logar do nascimento do escriptor celebrado, decerto em virtude d'uma erronea presunção, transmitida de cá, e facilmente explicavel com a leitura da *Casa do avô de Eça de Queiroz em Verdemilho*, annexo, subscrito pelo sr. Mello Freitas, ao *Dicionario dos Milagres* (A. M. Pereira ed., Lisboa, 1900).

Entretanto a Comissão, liberta de considerações e de fórmulas que entorpecem a acção das entidades officiaes, decidia admitir provisoriamente que um engano inicial industria no mesmo erro os restantes panegyristas. E buscando outras fontes occorreu-lhe consultar, dos amigos do romancista, dois d'aquelles que, por motivos demasiado conhecidos, mais seguramente poderiam testemunhar o que soubessem. Ao sr. Ramalho Ortigão, seu principal e unico collaborador na publicação já historica de *As Farpas* e que de Eça de Queiroz diz, na ultima edição (A. M. Pereira ed., Lisboa, 1902) do *Mysterio da estrada de Cintra* que que só a morte... separou um do outro os dois auctores do livro, que a amizade mais fiel, mais nobre e mais fecunda inalteravelmente unira na terra durante 40 annos, escreveu em de nós nas vespéras da festa. Immediatamente o insigne publicista telegraphou o seguinte:

«Calhariz, 12 de outubro. Apresso resposta. Queiroz, baptisado Villa do Conde, nasceu na Povoia. *Ramalho Ortigão*.

E na mesma data, a outro de nós endereçava, em cartas, as seguintes letras:

...Sr.:

Tenho a honra de accusar a recepção do convite-circular que V. se dignou de me dirigir para que tome pessoalmente parte na homenagem que no proximo dia 14 do corrente meza a Camara Municipal da Povoia de Varzim, a que V. tão dignamente preside, deliberou prestar á honrada memoria do insigne escriptor Eça de Queiroz, culminante gloria das letras portuguezas e meu inolvidavel amigo.

Tendo regressado ha poucos dias ao cumprimento das minhas obrigações em Lisboa muito lamento que n'esta occasião se me torne impossivel aquiescer á honrosa convocação de V.

Cumpre-me, porém, significar que, na minha qualidade de humilde cidadão portuguez, profundamente me commove e me enternece o bello gesto da municipalidade da Povoia de Varzim na glorificação do seu conterraneo Eça de Queiroz.

Se o applauso do mundo é o supremo galardão a que podem aspirar na terra os grandes artistas, o modesto registro

do seu nome entre os penates domesticos, nos fastos dos pequenos logares em que nasceram, será decerto o tributo mais doce, o mais intimo, o mais amovavel e querido para aquella porção d'alma que d'elles mysteriosamente se possa ter evulado e fundido nas harmonias da natureza que nos envolve, no ar, na luz, no canto das aves, no zumbido das abelhas, no sussurrar dos pinhaes, no luzir das estrelas e no gemer do mar.

Lisboa, 12 de outubro 906.

De V., etc.

Ramalho Ortigão.

A outra pessoa de viva e dilatada intimidade com o escriptor a quem um de nós inquiriria sobre a naturalidade contestada, era o actual Ministro e Secretario de Estado dos negocios estrangeiros, sr. Conselheiro Luiz de Magalhães. Com elle tentára Eça de Queiroz reavivar o interesse amortecido de uma publicação cuja idole, já em *Os Mauas*, e mesmo antes, debuxára n'uma desusada e carinhosa aspiração. Era a *Revista de Portugal* na sua segunda phase (iv, Lugan & Genelioux eds., Porto, 1892, sob a direcção suprema do romancista, o sr. Luiz de Magalhães como sub-director, e secretario da redacção o sr. Rocha Peixoto. Respondeu assim:

Meu caro amigo:

Pergunta-me o que sei sobre a naturalidade de Eça de Queiroz. Julgo que não é verosimil que um homem qualquer, toda a sua familia e as pessoas da sua intimidade estejam em erro sobre a terra em que elle tenha nascido. E Eça de Queiroz sempre se disse *povoiteiro*; e *povoiteiro* o affirmaram familia e amigos pelo conhecimento seguro que tinham do facto do seu nascimento.

Vejo agora, pelo que o meu caro Rocha Peixoto me diz, que um curioso descobriu o assento baptisml do nosso grande romancista nos registros parochiaes de Villa do Conde. Dada a quasi contiguidade das duas povoações—o facto não admira. E, se no assento está declarada Villa do Conde como a terra da naturalidade de Eça de Queiroz, pôde ser isso explicado por um engano, não raro em casos taes.

Assim a gloria de que o nascimento de Queiroz reveste a Povoia ficará, até certo ponto, compartilhada por Villa do Conde. E a gloria de Eça de Queiroz é tam grande que chega bem para as duas lindas villas maritimas do norte, como a de Homero chegou para as sete cidades hellemicas que entre si disputavam a honra de lhe ter sido berço.

Eis o que sobre o caso lhe posso dizer, com a segurança que me dá a intima amizade que me ligava ao mestre e que me ligava a toda a sua familia.

E já que sobre este assumpto lhe escrevo—deixe-me acrescentar uma saudação á Povoia pelo acto de justiça e de gratidão que vac praticar e a que eu de longe me associo, com toda a admiração e saudade que voto á memoria querida de Eça de Queiroz e com a sympathia e interesse que, como sabe, tributo á sua terra.

Cria-me sempre, meu caro Rocha Peixoto,

Seu velho e dedicado amigo,

Lisboa, 905, Outubro 12.

Luiz de Magalhães.

No assento não está declarada Villa do Conde como a terra da naturalidade de Eça de Queiroz, sendo portanto insubsistente, n'este caso, o engano plausivel. O registro ensina tão somente que nasceu aos 25 de novembro de 1845 e no 1.º de dezembro foi solemnemente baptisado n'esta Matriz Collegiada em Villa do Conde...

Manifestamente que em paiz de sarcasmo e ironia sonoras, que são o despeito e o desforço de mediocridades estereis, taes depoimentos não bastam. O papel official, o papel official, que todos superficialmente desdenham, é aquelle, afinal, que investem de segurança e crédito. Ora abrindo a *Relação e indice alphabetico dos estudantes matriculados na Universidade de Coimbra no anno lectivo de 1865 para 1866, etc.*, opusculo impresso no typographia universitaria em 1865, vê-se, na lista dos alumnos do 5.º anno de Direito, a pagina 55 e sob o n.º 41, o seguinte: «José M. d'Eça de Queiroz, filho de José Maria d'Almeida de Queiroz, natural da Povoia de Varzim...»

Em que alicerce se firmava a secça notula da publicação academica? N'estes cabucos, tão só, amavelmente examinados e fornecidos pelo natural lente da Faculdade de Theologia e Director da Bibliotheca da Universidade de Coimbra, sr. dr. Mendes dos Remedios:

Bibliotheca da Universidade de Coimbra, 20—X—906.

Meu... amigo:

Fui hontem ao Archivo da Universidade n'uma aberta dos trabalhos da Bibliotheca e na gratissima missão do que me incumbiu—verificar o que diziam, sobre a naturalidade do Eça, os documentos lá existentes. Respeiquei tudo, li tudo. E com excepção da certidão do baptismo, que não indica o logar do nascimento e diz somente que foi baptisado na «Matriz Collegiada de Villa do Conde», todos os outros, em numero de oito, registram «Povoia de Varzim» como logar do nascimento do glorioso romancista. Quer vêr? Aqui tem por sua ordem, como se encontram, com outros, reunidos em volume:

1.º Requerimento pedindo prorrogação para apresentação da certidão do exame de instrução primaria que fizera nella a cidade do Porto; 2.º Certidão do exame de Philosophia Racional e Moral e Principios de Direito Natural feito a 5 de outubro de 1858 e de Historia Chronologica, etc., feito em 5 de julho de 1859; 3.º Certidão do exame de Principios de Physica, Chimica, etc., feito a 23 de julho de 1861; 4.º Certidão do exame de Traducção de francez feito a 4 de outubro de 1858; 5.º Certidão do exame de Mathematica elementar, etc., feito a 13 de julho de 1861; 6.º Certidão do exame de Oratoria, etc., feito a 13 de julho de 1859; 7.º Certidão do exame de Latinidade feito a 2 de outubro de 1858; 8.º Certidão do exame de Instrução primaria feito a 27 de julho de 1858.

Bem. Oito. E em todos Povoia de Varzim *for eor!*...

Do seu grande amigo e etc.

Mendes dos Remedios.

Decerto que, pela vida fó-

ra, o romancista não resolveu mudar de naturalidade. Muitos annos passaram e elle mesmo n'uma carta aberta, allude á terra natal. A exigua dispersão da folha, porventura, explica porque, nem aqui, nem no Porto, nos foi possível obter a passagem pela qual «não é verosimil que um homem qualquer esteja em erro sobre a terra em que tenha nascido». Consultado, porém, o egregio director da Bibliotheca Nacional, sur. dr. Xavier da Cunha, elle obsequiosamente acudiu d'est'arte:

Bibliotheca Nacional de Lisboa, 12 de outubro de 1906. Meu presadissimo Confrade e amigo:

Inclusa encontrará V., extrahida de *O Atlantico* e acompanhada com as precisas indicações bibliographicas, a passagem que desejava ter copiada.

Queira V. dispôr sempre, etc. De V., etc.

Xavier da Cunha.

O Atlantico, n.º 26, Lisboa, 29 de dezembro de 1880, 1.º anno, (1.º artigo: *Brazil e Portugal*). Publicamos em seguida a carta que recebemos do sr. Eça de Queiroz, em resposta ao artigo do sr. Pinheiro Chagas, publicado no n.º 22 da nossa folha sob a epigraphie que acima se lê:

Meu caro Pinheiro Chagas: Bristol, 14 de dezembro.

Recebi o numero do *Atlantico* contendo o seu excellentissimo artigo *Brazil e Portugal*. (Na 1.ª columna da 2.ª pag., linha 118.) Você bem sei, acha isto rizivel. Mas que diabo! Você é um poeta, um orador, um luctador e eu sou um pobre homem da Povoia de Varzim... Creio que temos conversado bastante...

Succedêra, emtanto, que, após a morte do romancista, o sr. Doutor Elisario Luiz Monteiro, actual medico em exercicio na Africa oriental portugueza e ao tempo estudante e redactor do periodico *Povoense A Prata* (2.ª serie, B. G. da Ponte ed., 1900) escreverá ao pae do escriptor perguntando-lhe se a casa de numeros 1 a 3 da Praça do Almada, na Povoia de Varzim, era a mesma em que, segundo a tradição e os contemporaneos, nascéra o seu filho excelso. Em breves linhas trementes, que a idade e projecta explica, o finado conselheiro Teixeira de Queiroz assignalava o predio onde, na data do nascimento, habitava um seu determinado parente. Era, pela memoria dos de então, a indigitada na consulta.

Agora, porém, quem se interessava pela nova attribuição patria cuidára em desvalorisar este depoimento indefectivel. A carta era pequena de mais, insufficiente, talvez apocryphal. He appareçese a publico, authenticada! A carta, effectivamente, não apparecia—porque um de nós, seu actual possuidor, e ao tempo demorado em Lisboa por motivo de funções publicas, não pudêra logo acalmar, correndo á Povoia, tão patriótico e virtuoso ardor de pugna. Ora a epistola famosa, que com todos os documentos aqui citados vae ser archivada na secretaria da camara municipal da Povoia de Varzim, e posta, como os outros manuscritos, á disposição de quem queira tudo examinar, será, todavia, reproduzida em pho-

to-zinco-gravura nos periodicos locais, incluindo o apocrypho, que diz assim:

«Ex.º Sr.

Elisario Luiz Monteiro Rua da Bandeira.

Povoia de Varzim,

e cujo carimbo do correio fixa legivelmente a data de 1 de setembro de 1900, isto é, cerca de duas semanas após o passamento do escriptor. A carta refere, trémula, succinta mas sufficientemente,—e passados 55 annos sobre o nascimento do romancista—o seguinte:

Ex.º Sr.

Cascaes, 31 j 8.

Apenas posso informal-o de que meu filho nasceu n'uma casa, onde em 1845 morou o meu fallecido parente Francisco Augusto Pereira Somenho, empregado, que então era, na fiscalização do pescad. Ignoro o nome da rua. Assigno-me

De V. Ex.º

ven.º e criado,

José Maria d'A. T. de Queiroz.

E com data de 23 de outubro do anno corrente o tabelião de Lisboa, sr. Jorge Felipe Cosmelli reconhece a letra e assignatura do antigo juiz do Supremo Tribunal de Justica!

Por fim, a 14 de outubro, dia da inauguração da lapide e das festividades promovidas pela Povoia de Varzim, chega expressamente de Lisboa o promogimento de Eça de Queiroz como representante da familia. Está-se a vêr que esta não sancionaria uma comedia, se comedia representasse a Povoia festejando um escriptor como seu filho mais insigne. Adoptando mesmo uma phrase do romancista «só uma obtusidade cornea ou má fé cynica» desatendem essa confirmação familiar. E na familia temos de incluir a Mãe, veneranda e respeitabilissima Senhora, felicemente ainda viva.

E' d'ella, em remate, a carta seguinte ao primeiro de nós endereçada:

...Sr.:

Venho assegurar que meu filho José Maria d'Eça de Queiroz nasceu na Povoia de Varzim. Aproveito esta occasião para agradecer a V. o a todas as pessoas que tomaram parte na homenagem feita a meu filho, pelo que estou muito grato e immensamente reconhecido.

Sou, etc.

De V., etc.

6-12-906.

Carolina A. P. d'Eça de Queiroz.

Assim encerramos, definitivamente liquidada, a questão da naturalidade de Eça de Queiroz.

Povoia de Varzim, 14 de novembro de 1905.

A Comissão,

Antonio Silveira—advogado, Presidente da Camara e Deputado da Nação.

Arnaldo Baptista—Medico e Administrador do concelho.

Caetano d'Oliveira—Medico e ex-presidente da camara.

David Alves—Advogado, ex-presidente da Camara e ex-deputado.

Ribeiro de Castro—Vice-presidente da Camara.

Rocha Peixoto—Director da Bibliotheca Publica do Porto.